

JÜRGEN MOLTSMANN E A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA PARA O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

Jürgen Moltmann and the contribution of Theology of Hope to Classic Pentecostalism

Geidesson Cristian Silva¹

RESUMO

O texto apresenta como a noção escatológica do pentecostalismo clássico implica na vida dos fiéis na sociedade. Em determinados períodos demonstrou-se ascética e apática, despolitizada e sectária, anunciando uma “fuga-mundi”. A concepção de abandono de todos os deveres, pois o fim do mundo estava próximo, demonstrava a espera iminente da volta de Cristo. Essa concepção ramificou-se em alguns grupos cristãos e teve repercussões em movimentos como o pentecostalismo clássico brasileiro. Propomos a teologia da esperança moltmanniana como uma contribuição a teologia deste movimento, por se tratar de uma esperança utópica que milita na história, sendo ativa no encontro do ser humano com Deus. Para a realização desta análise utilizou-se textos clássicos da escatologia pentecostal e os escritos do Teólogo alemão Jürgen Moltmann, apresentando uma síntese do pensar escatológico de ambos e expondo as contribuições que Moltmann pode oferecer ao pentecostalismo clássico.

Palavras-chaves: Escatologia pentecostal clássica, Esperança utópica, Jürgen Moltmann.

ABSTRACT

The text presents how the eschatological notion of classical Pentecostalism implies the life of the faithful in society. In certain periods it has shown itself ascetic and apathetic, depoliticized and sectarian, announcing a "fuga-mundi". The conception of abandonment of all duties, since the end of the world was near, showed the imminent waiting for the return of Christ. This conception branched out in some Christian groups and had repercussions in movements like the classic pentecostalismo Brazilian. We propose the theology of Moltmannian hope as a contribution to the theology of this movement, because it is a utopian hope that militates in history, being active in the encounter of the human being with God. The classical texts of the Pentecostal eschatology and the writings of the German Theologian Jürgen Moltmann were used for this analysis,

¹ Graduado em Ciências teológicas pela Faculdade Boas Novas, Foi Professor do Instituto Teológico Shallon. Pós Graduado em Docência do Ensino Superior e Antropologia pela UCAM Prominas. Missionário pela Junta de missões Boas Novas no Norte de Minas Gerais.

presenting a synthesis of the eschatological think of both and exposing the contributions that Moltmann can offer to classic Pentecostalism.

Keywords: Classic Pentecostal Eschatology, Utopian Hope, Jürgen Moltmann.

1 A Teologia da Esperança em Jürgen Moltmann

As influências de experiência pessoal e de valor intelectual são fundamentais para a formação do pensamento de Moltmann. Conceitos como: escatologia, revelação, história e promessas ganham características bem abrangentes. Estes moldam e percorrem toda sua teologia que fora construída de uma maneira dialética não sistemática, como outros teólogos tradicionais

1.1 Fundamentos da Teologia Moltmanniana

Jürgen Moltmann, nasceu no dia 08 de Abril de 1926, em Hamburgo na Alemanha. Veio “de uma família secularizada, de professores, e o seu ideal na juventude era ingressar nos estudos da física e da matemática, com suas principais referências: Max Planck e Albert Einstein” (STEPHEN, 2008, p. 98). Seu avô era grão mestre em uma loja maçônica, e havia se desligado da igreja, plasmava por poemas como de Goethe e Zaratustra de Nietzsche. Distanciava-se cada vez mais da religião e da teologia (MOLTMANN , 2007, p. 50) “Aos dezesseis anos de idade tendo acabado de ler o livro de Louis Broglies ‘Lua e matéria’, com prefácio de Werner Heisenberg”, Moltmann foi “designado, com seus colegas de classe para uma bateria antiaérea no centro de Hamburgo, considerada como “Operação Sodoma e Gomorra”. (MOLTMANN , 2008, p. 10).

“Nas últimas semanas de Julho de 1943, Hamburgo, foi destruída pelo fogo provocado por ‘Sodoma e Gomorra’, tal bomba esfacelou um dos amigos que estava ao lado de Moltmann, e o poupou de um modo “indescritível”. Naquela noite Moltmann grita pela primeira vez por Deus, dizendo: “Meu Deus, onde tu estás? Onde está Deus?” (MOLTMANN, 2008, p. 10). Esta experiência influenciou diretamente o ainda-não teólogo da esperança. Moltmann se perguntava por que havia permanecido vivo, em vez de ter morrido juntamente com os outros, e esta indagação o perseguiu, até o momento em que ele abraça a fé e decide estudar teologia. O estudo inicial é realizado sobre as “longas sombras de Auschwitz” fazendo com que o autor ao ler o evangelho de Marcos,

encontrasse o grito do Crucificado: “Meu Deus porque me desamparaste?” (MOLTMANN, 2007, p. 51).

Discipulado, de Bonhoeffer e *A Natureza de o Destino do Ser Humano*, de Reinhold Niebuhr, foram as primeiras obras que lera na área da Sistemática. Decidiu continuar seus estudos na Alemanha, depois de sua libertação em 1948, após assistir as pregações de Rudolf Haver e Wilhem Burckert, na Igreja Anglicana de Cuckney ou na Igreja Metodista de Frank Backer (MOLTMANN, 2002, pp. 15-16). Ansiavam portanto na “superação do existencialismo generalizado do período pós guerra”. Neste período, o realismo escatológico foi “relegado á mitologia por teólogos liberais e neo-ortodoxos” onde todos deixavam de valorizar “a segunda vinda de cristo” e os “eventos futuros”, já os fundamentalistas “insistiam no pré-milenarismo dispensacionalista (OLSON, 2001, p. 624). A teologia da esperança moltmanniana é constituída por “diversos fios”, entre eles Ernst Käsemann e Arnold Van Ruler (GIBELLINI, 2002). Käsemann com sua “unidade histórica e a necessidade escatológica universal” e Van Ruler, com a “categoria reino de Deus” (MOLTMANN, 2005, p. 184). Durante um período de férias na Suíça, no ano de 1960, Moltmann descobre os primeiros volumes da obra *Princípio esperança* (1949-1959) de Ernst Bloch.

Bloch definira a esperança efetivamente, tornando-a utópica, fazendo com que esta perca sua dimensão teológica. Moltmann por sua vez define que a esperança implica em fé. Nesta dialética, a esperança, é esperança da fé (GIBELLINI, 2002, p. 282). Em 1964 Jürgen Moltmann publica a obra “Teologia da esperança”, definindo-a como “nova teologia da ressurreição”, abordando a “esperança ativa em nosso encontro para com Deus”. (MÜNSTER, 1993, p. 113) “O itinerário “escatológico” moltmanniano atingiu seu estágio de maturidade conceitual definitiva em 1995, quando da publicação de uma de suas últimas obras: *A vinda de Deus*” (BASTOS, 2009, p. 250). Nesta obra o autor reafirma o fundamento cristológico da esperança humana.

Bloch não concebe esperança desvencilhada de uma prática que visa a realização do esperado. Pois a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. O conceito de “esperança concreta” em Bloch, refuta um futuro que é “aguardado sem que o presente seja levado em consideração” (VIEIRA, 2000, p. 02). Bloch (2005-2006, VOL I, p. 18), afirma que “o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários”. A utopia serve como um guia prático para as esperanças humanas, e pode ser realizada, devido a ação militante na história. Bloch define esta ação em uma categoria denominada *novum*. O “**Novum**, assim, deixa de ser algo puramente esperado, numa atitude cômoda de

aguardar, mas é buscado com afincos, através do esforço construtor, por algo que valha realmente a pena fazer” (VIEIRA, 2000, p. 7).

Moltmann se apropria e resignifica a categoria novum de Bloch, que aborda uma nova sociedade a partir da ação humana. Moltmann por sua vez explana o novum de Deus na história humana, revelada por meio da promessa e consumação da ressurreição do crucificado, levando os seres humanos a esperarem este novum, agindo no horizonte da esperança da restauração da humanidade e do mundo.

1.2 Escatologia, Revelação, Promessa e História em Moltmann

Para delinear os princípios de uma esperança cristã, “Moltmann parte do Antigo Testamento, percorrendo um caminho histórico, que passa pela experiência veterotestamentária, que é a experiência de promessas, de esperança escatológica”. (GIBELLINI, 2002, p. 283). Afirmado que a realização do “processo escatológico de Deus”, é concretizado na história humana. Esta história é constituída de promessas, que servem para revelar “novos horizontes históricos e escatológicos”. Tais promessas é que legitimam a revelação divina, não realizada por epifanias² como na religião grega, mas são promessas que constituísse no fundamento da esperança.

Moltmann realiza uma crítica a visão tradicional, de se pensar o fim do mundo, de uma maneira trágica, e de se conceber a justiça de Deus aos homens efetuada retributivamente. Em vez de “Armageddon” a re-criação de todas as coisas” (BASTOS, 2009, p. 252). Moltmann (2007, p. 70), afirma que “os apocalipses bíblicos e as teologias da catástrofes nada tem a ver com as modernas fantasias do mundo dos modernos profetas da desgraça e dos terroristas”. A escatologia não é o fim último da coisas, mas sim o início de um novo tempo, de esperança e de justiça. Com esta crítica de Moltmann, a escatologia deixa de ser meta ou destino final, para ser o que inicia e acompanha o ser humano na história. Em Moltmann o termo revelação ganha aspectos singulares,

A revelação judeu-cristã deve entender-se essencialmente, no parecer de Moltmann, não a partir das características gregas de SER ou de ETERNIDADE, mas sim a partir das categorias semitas de PROMESSA e FIDELIDADE. [...] a promessa abre o homem para uma realidade em direção ao desconhecido, [...] e prepara etapas de uma vivencia histórica: o próprio

² Epifania refere-se ao “mostrar-se”, aparecer” e “revelar do divino”. Em situações veterotestamentárias, tais epifanias tem sentido em sí mesmas. E quando acontecem, dá-se a santificação do lugar, do tempo e dos seres humanos. Moltmann ressalta porém que a compreensão de Israel quanto às “aparições de Javé”, estava relacionada às palavras de promessas e não como consagração de lugares e tempos (MOLTMANN, 2005, p. 134).

caminhar é que desvenda mais caminhos adiante, sempre com a antecipação da promessa que guia (LEPARGNEUR, 1974, p. 196).

Em Moltmann a revelação significa “auto-apresentação”. Quando Yahveh se faz conhecido pelo seu próprio nome, trata-se do Deus que anuncia a si mesmo na história. “A história da promessa serve, portanto, para um conhecimento sempre mais profundo de Deus por parte do ser humano” (MOLTMANN, 2005, p. 152). Moltmann chega aos seguintes resultados acerca da revelação e o conhecimento de Deus no horizonte da promessa da história: Primeiro: “se as revelações de Deus são promessas, Deus mesmo se torna manifesto quando mantém a fidelidade para sempre” [...]. “Pelo fato de demonstrar historicamente sua fidelidade, ele se revela a si mesmo” (MOLTMANN, 2005, p. 155). Segundo: “Conhecer Deus significa sofrer Deus. [...] sofrer é ser mudado e transformado. O conhecimento de Deus é uma ciência antecipatória do futuro de Deus, por meio da fidelidade de Deus, confiando as esperanças, que serão chamadas à vida pelas suas promessas” (MOLTMANN, 2005, p. 157).

Moltmann aponta a história como em crise, criticando o conceito hegeliano de “razão da história”. Para Hegel os fatos históricos falam outra linguagem, nesta “nem tudo é tão racional e lógico” não há interpretações com finalidades para os fatos ocorridos na história (ZILLES, 1991, p. 79). Moltmann porém utiliza uma orientação sociológica para a história ou expressão individual do “*Sitz im Leben*”³ (compreensão da vida). Ou seja, a “*compreensão existencial*”, possibilita uma interpretação dos fenômenos da história passada. O enigma da história não é solucionado racionalmente. A história não é reduzida a uma fórmula universal de matemática, esta por sua vez é identificado como enigma da vida (MOLTMANN, 2005, p. 320). Todavia Moltmann (2005, p. 351) afirma que “a história não deve ser compreendida como histórico-existencial, nem como histórico-universal ou histórico-salvífica, mas somente como histórico-querigmática, falado por Deus em favor do ser humano”.

O ser humano é incumbido de propagar a esperança da vinda de Deus, por meio da ação na sociedade, esta missão, não tem o intuito de deificar o homem, mas de torná-lo humano em meio às adversidades sofridas no horizonte da esperança. Esperança constitui-se como humanização do ser humano. Partindo da indagação kantiana “o que posso esperar?”, Moltmann desenvolve em termos teológicos a vinda de Deus, e como ela se dará

³ A expressão “*Sitz im Leben*”, também pode ser interpretada como “lugar vivencial”. Moltmann também utiliza a expressão referindo-se ao caminho histórico da igreja, “desde uma comunidade de *judeus-cristãos*, para uma comunidade de *judeus e gentios* e dali para uma *comunidade de gentios*” (MOLTMANN, A Igreja no Poder do Espírito, 2013, p. 191). Com isto o lugar vivencial seria a comunidade gentio-cristã.

como processo escatológico na história humana. Este esperar se completa com outra indagação: “O que devo fazer?”. Com a junção das questões Moltmann (2012, p. 20), fundamenta seu discurso na Segunda Epístola de Pedro (3:12) “esperar e apressar a vinda do dia do Senhor”.

2 Síntese da Escatologia Pentecostal Clássica

A formação da escatologia pentecostal, esta totalmente atrelada a compreensão pneumatológica do movimento premilenarista do século XIX. Aqueles movimentos que experimentaram mais intensamente a efusão da pessoa do Espírito Santo pareciam anelar mais ardentemente o retorno de Cristo e uma transformação cósmica correspondente a uma ordem mundial (DAYTON, 1991, pp. 99, tradução nossa). O nosso propósito não é realizar uma análise detalhada da escatologia pentecostal clássica, mesmo porque esta é demasiadamente vasta em sua interpretação literalista dos textos bíblicos. Faremos portando uma análise dos fundamentos escatológicos do pentecostalismo clássico.

2.1 Fundamentos escatológicos do pentecostalismo clássico

A expectativa da iminente volta de Cristo, foi desde o período clássico uma doutrina essencial no pentecostalismo. Este compreende a era inicial do movimento, também conhecido por “pentecostalismo tradicional” (CAMPOS, 2005, p. 102). um movimento que foi alimentado por um espírito pacífico da espera, gerando uma “ética ascética monástica”, isto é vivida no seio da comunidade (MENDONÇA, 2008, pp. 93-98). “A única maneira de agir para a igreja ser retirada, era esperar o rapto na solidariedade entre as irmãs e irmãos” (CHIQUETE & ORELLANA, 2009, pp. 58, tradução nossa). Era uma concepção quiliástica⁴, caracterizada pelo abandono de todos os deveres. Segundo Rolim (1985, pp. 224-225) “dois aspectos convêm destacar na distancia que marca a diferença entre o “quiliatismo e a tendência milenarista” pentecostal. Em primeira instancia a forte ênfase atribuída a segunda vinda de Cristo, realiza uma separação entre o crente e a sociedade. Em segunda instancia, perde-se o potencial transformador, quando a crença milenarista deixa de ter uma presença ativa na sociedade.

Para uma análise da origem e das transformações do pentecostalismo, é necessário “realizar um estudo preliminar do campo religioso norte-americano, a despeito da

⁴ Rocha (2012, pp. 34-35), afirma que o quiliatismo “refere-se ao iminente regresso de Cristo á terra para a instauração de um reinado de mil anos antes do fim do mundo”

fisionomia latino-americana, indígena, católica e influenciada por cultos afro-brasileiros que essa manifestação religiosa de origem protestante assumiu no Brasil”(CAMPOS, 2005, p. 101). Realizamos uma análise de algumas influências para a formação do pentecostalismo clássico. Valemos de Três mais relevantes, sendo estas a influência de J.N. Darby e os irmãos de Plymouth, com o pré-milenarismo dispensacionalista e a doutrina do arrebatamento secreto; O dispensacionalismo divulgado pela bíblia de estudos SCOFIELD; E o fundamentalismo norte americano, com seu literalismo bíblico.

. Darby descreve “a vinda de Cristo antes do milênio consistindo em dois estágios: o primeiro, um arrebatamento secreto removendo a igreja antes da grande tribulação devastar a terra; o segundo, Cristo vindo com seus santos para estabelecer seu reino” (CLOUSE, 1985, p. 11). Para Darby, os propósitos divinos poderiam ser compreendidos somente por meio das dispensações, e que a igreja referia-se apenas a um mistério que só Paulo relatara. Este apresentou a teoria de que a somente uma aliança nas escrituras com a casa de Israel e de Judá, a ser realizada num tempo futuro, com a qual a igreja não tem nenhuma relação (PENTECOST J. D., 1998, p. 147). Segundo Darby (1976, p. 11) atitudes como reuniões religiosas, obras de caridade, associações fraternas, substituem a fé no filho de Deus. A “linha dispensacionalista interpretada por Darby”⁵ foi seguida por C.L Scofield que foi o autor da “*Scofield Reference Bible*” Segundo Silva (1990, p. 61), a Bíblia de Referências de Scofield, foi provavelmente a popularização mais eficaz do dispensacionalismo.

O impacto da Bíblia de Referência Scofield nos movimentos pentecostais e carismáticos nos Estados Unidos, raramente podem ser entendidos , principalmente pela origem pentecostal não ser dispensacionalista (BURGESS & MCGEE, 1988, p. 771). O sistema dispensacional scofieldiano tenta fornecer um método de organizar a história bíblica e ensina que é possível uma interpretação da profecia na escritura em algo parecido com um quebra-cabeça completo (BURGESS & MCGEE, 1988, p. 247). Segundo Erickson (1989, p. 37) o dispensacionalismo, não é simplesmente um ponto de vista acerca do relacionamento entre a vinda de Cristo e a tribulação. “É um sistema de teologia, na qual a escatologia é apenas uma parte. [...] Embora todos os dispensacionalistas sejam pré-tribulacionistas, nem todos os pré-tribulacionistas são dispensacionalistas” Segundo Baptista (2002, p. 85) o dispensacionalismo é “ uma estrutura de explicação do plano de Deus para a humanidade, inexorável e determinista, que alimenta um sentimento de indiferença e uma atitude passiva, para com os dramas da vida em sociedade.”

⁵ Os principais seguidores desta linha são classificados por Clouse 1985.

Outra influência para a formação da escatologia do pentecostalismo clássico é o fundamentalismo norte americano⁶. Este possuía uma lista de doutrinas fundamentais da fé cristã, tais como: crença na volta pré-milenar de Cristo, inerrância da Bíblia, a Trindade, nascimento virginal de Cristo, a expiação vicária de Cristo e sua ressurreição corpórea e ascensão, e a crença milenarista do retorno de Cristo encarnado para governar e reinar por mil anos antes da ressurreição dos santos e do Juízo final (OLSON, 2001, p. 576). O movimento fundamentalista que começou a ser pregado em solo brasileiro na década de 40 veio reforçar consideravelmente o pré-milenarismo. Em aspectos como: preocupação enfática com o fim do mundo e a conseqüente relativização dos bens terrenos em virtude da iminência da segunda vinda de Cristo (MENDONÇA, 1984, p. 250). Porém já encontramos traços em histórias de profecias no sertão brasileiro datadas de 1897, solicitando “ que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo quanto os maculasse com um leve traço da vaidade. Todas as fortunas estavam a pique da catástrofe iminente e fora temeridade inútil conserva-las” (CUNHA, 2009). Alencar (2005, p. 47), afirma que,

[...] Uma tendência teológica nascida do fundamentalismo religioso, agravada pela contingência dos conflitos mundiais – pleno período entre as duas guerras- , a teologia pentecostal assembleiana quer resgatar não o mundo, mas as pessoas do mundo. Aqui cabe muito bem a designação de Sachs(1988:49) de que o pentecostal tem uma “identidade sectária”. O pentecostalismo não tem esperança alguma ou alguma boa vontade para com o mundo e tudo que lhe diga respeito. Ele, o mundo, está irremediavelmente perdido e a única relação possível é de desprezo. Portanto, pretende-se, literalmente, sair dele. Por que, então, haveria a preocupação de modificá-lo? Influenciá-lo?

A crença escatológica pentecostal possui conceitos que são fundamentais para a vida do fiel: O arrebatamento pré-tribulacionista; tribulação; milênio; Juízo Final e a segunda vinda de Cristo.^{7,8}. O arrebatamento pré-tribulacionista descansa essencialmente na

⁶ Para uma maior compreensão acerca da formação histórica e principais nomes do fundamentalismo norte-americano e sua influência no pentecostalismo clássico brasileiro, ler Rocha (2012).

⁷ Para maior esclarecimento de tais conceitos é necessário a leitura de textos considerados clássicos da escatologia pentecostal como: “apocalipse versículo por versículo” de Severino Pedro; “Daniel e Apocalipse: como entender o plano de deus para os últimos dias” e “o calendário da profecia” de Antonio Gilberto; “o alinhamento dos planetas” de Lawrence Olson; “Manual de escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros” de J. Dwight Pentecost; “o mundo e como o cristão deve viver nele” de J.N Darby1; lições bíblicas da década de 80, que tratam de temas como: “a doutrina do arrebatamento da igreja”, “as dispensações e a alianças da bíblia”, “a segunda vinda de cristo”, e “a igreja no apocalipse”. estes textos são fundamentais para a explanação da escatologia pentecostal, pois serviram para a divulgação da ideologia pentecostal escatológica clássica.

⁸ É necessária uma leitura de clássicos das ciências da religião, no âmbito de pentecostalismo, como: “O celeste porvir” e “Protestantes, pentecostais e ecumênicos” de Antonio Gouveia Mendonça; “Pentecostais no Brasil: uma análise sociológica” de Francisco Cartaxo Rolim. “Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo” de Paul Freston Para relato sobre a Assembleia de Deus, A obra “Assembleia de Deus: origem implantação e militância” de Gedeon Alencar.

premissa do método literal de interpretação das escrituras. Tal interpretação distingue o plano divino para igreja e Israel. Pentecost (1998, p. 217), afirma que por rejeitarem o messias, Israel foi posto em segundo plano, assim a igreja assumira seu lugar para a realização do plano de Deus. A vinda será precedida de sinais dos tempos que evidenciarão, que esta próximo do fim. Segundo Oliveira (1988, p. 47) os sinais são: nação contra nação, guerras e rumores de guerra, fomes, terremotos, pestes e religiões falsas. Estes porém são retratados como apenas o princípio das dores, que para Oliveira significa “*princípio das dores de parto*”, que é uma dor inicial que esta preste a se acentuar e ficar frequente com a proximidade da consumação do esperado. Portanto “Discussões que envolvam os problemas contemporâneos e o envolvimento em questões sociais, no sentido de uma construção de um mundo melhor para a coletividade dos seres humanos , passaram de longe da pauta teológica do pentecostalismo brasileiro”(ROCHA, 2012, p. 149).

3 Contribuições da Teologia da Esperança moltmanniana à Escatologia Pentecostal Clássica

Embora o “discurso de Moltmann em determinados assuntos seja um pouco sibilino” (MONDIN, 2003, p. 239), buscaremos explicar para uma fácil compreensão a relevância da fé que conduz a ação no horizonte da esperança. Não trata-se de uma substituição da escatologia pentecostal clássica, para a teologia da esperança moltmanniana. Mas apenas algumas contribuições significativas que Moltmann desenvolve, e que aplicado ao pentecostalismo enriquecerá a maneira de conceber e viver a esperança cristã.

3.1 O discurso moltmanniano acerca dos pentecostais⁹

Para o conhecimento dos movimentos carismáticos e pentecostais é necessário levar em conta suas experiências peculiares do Espírito (MOLTMANN, 2010, p. 14). Em Moltmann (2010, p. 19), escatologia é desenvolvida “como horizonte de expectativas histórica do Espírito de Deus. O Espírito de Assunto não é somente o lado subjetivo da autorrevelação de Deus, nem a fé apenas o eco da palavra de Deus no coração do homem”. Pois o Espírito leva as pessoas a um novo início da vida, tornando-as os próprios sujeitos de sua nova vida na comunidade de Cristo (MOLTMANN, 2010, p. 14). O Espírito de Deus leva a uma amplidão cósmica e a espera por um mundo melhor não afastando o ser humano deste mundo (MOLTMANN, 2010, p. 19). Diferentemente da ênfase realizada nos

⁹ Moltmann aborda sobre o movimento pentecostal em *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*, publicado originalmente em 1991

primórdios do pentecostalismo clássico, com a glossolalia e o abandono de todos os deveres devido a iminência da vinda de Jesus. Freston (1994, p. 75) afirma, que a “glossolalia era simples confirmação da iminência do fim. Dentro de poucos anos, no entanto, com a não concretude do advento, a glossolalia assumiu a centralidade na teologia pentecostal.” Sobre este fenômeno Moltmann (2010, p. 178), afirma,

Historicamente é inegável o fenômeno de as comunidades cristãs terem nascido sob o falar em línguas, como já relatado em At 2 a respeito do primeiro Pentecoste. Também dificilmente poderemos contestar que os movimentos revivalistas na cristandade foram acompanhados por este tipo de fenômeno. Por último esta fora de dúvida que as comunidades pentecostais e carismáticas estão crescendo por toda parte e se difundindo, não apenas nos países da igreja jovem, mas também os antigos países cristãos. Como não tenho nenhuma experiência pessoal com este fenômeno, não estou em condições nem de explicá-lo nem de contestá-lo. Posso apenas descrevê-lo por fora sob o efeito que exerce sobre os atingidos.

O teólogo da esperança elogia as comunidades pentecostais e carismáticas pela sua “forma de expressão que ultrapassa a esfera de linguagem inteligível e externa-se pela glossolalia, [...] da mesma forma uma intensa alegria que se manifesta pelo pular e dançar [...]. Palavras e orações espontâneas que surgem da situação, profecias e testemunho.” (MOLTMANN, 2010, p. 178). Moltmann critica a forma de culto europeia que restringe-se a “reuniões disciplinadas e disciplinantes em torno da palavra ouvida e falada”, sem nenhuma expressão física ou linguagem corporal de adoração. Neste contexto o autor realiza a seguinte pergunta: “será que realmente o corpo de Cristo consiste apenas em uma grande boca e muitos pequenos ouvidos?”. A indagação a ser realizada em solo latino americano seria: será que realmente o corpo de Cristo consiste apenas de expressões corporais de adoração? Em Moltmann, Palavra ouvida e falada e expressões pessoais são um conjunto essencial ao discurso profético da igreja.

Moltmann realiza uma crítica aos movimentos pentecostais e carismáticos, não quanto a apropriação de certos carismas, mas quanto ao negligenciar de alguns importantes. O teólogo da esperança realiza a seguinte observação: “Onde estão os carismas dos carismáticos no dia a dia no mundo, nos movimentos pacifista, libertador e ecológico? “Se os carismas são dados não para que se fuja da realidade deste mundo para um mundo de sonhos religiosos, e sim para testemunhar a soberania libertadora de Cristo nos conflitos deste mundo, então o movimento carismático não pode transformar-se numa religião despolitizada, e muito menos despolitizante” (MOLTMANN, 2010, p. 179).

4 Antecipação do reino como conversão ao futuro

“A esperança e a experiência da igreja são articulados no conceito da antecipação” (MOLTMANN, 2013, p. 49). Toda esperança humana deve agir em prol do esperado em busca de uma antecipação do que virá. Esta antecipação nunca tem por objetivo substituir o vindouro, apenas confirmar a esperança de que algo um dia acontecerá.”Uma antecipação ainda não é o cumprimento, mas ela já é o presente do futuro nas condições da história. É um fragmento da totalidade que está vindo. É um sinal do cumprimento e uma antecipação do vindouro” (MOLTMANN, 2013, p. 255). No pentecostalismo o conceito de Antecipação, refere-se apenas a alegria da Igreja pela volta do Senhor (HORTON, 1996, p. 574). Em Moltmann encontramos uma contribuição que desenvolve a antecipação como uma transformação do mundo a ser realizada. Da mesma forma que a alegria da salvação só será plena com a vinda de Deus, a transformação e o fazer novas todas as coisas também serão realizados.

Uma sociedade que não quer uma mudança em atitudes próprias, mas quer os benefícios de uma mudança causada pelo outro, não deseja realmente esta mudança. Uma igreja que deseja o mundo transformado por Cristo, mas não se percebe como instrumento deste para a antecipação do que será realizado, possui uma esperança que lança a responsabilidade para o outro e não para si. Na escatologia pentecostal clássica os cristãos aguardam o Cristo que transformará a história e posteriormente reinarão com eles. Sendo assim uma teologia que não aponta a contribuição humana na mudança da sociedade, mas deixa claro o “auxílio à Cristo” para exercer o domínio sobre o mundo. “A igreja na força do espírito, ainda não é o reino, mas é certamente a sua antecipação na história” (MONDIN, 2003, p.238).

Para que se realize uma antecipação do Reino de Deus é necessário uma conversão ao futuro em detrimento de uma conversão da alma, ou conversão individual que geralmente é enfatizada na teologia pentecostal. Para Moltmann (2003, pp. 291-292), não serão glorificados apenas as “almas crentes”, mas também seus corpos, porque Deus incluiu na sua aliança graciosa não apenas a alma, mas também o corpo”. Com isto a conversão não deve ser somente da “alma humana” mas do corpo. Em Moltmann (2013, p. 312), a “desmundanização” da Igreja precisa levar a uma “Igreja para o mundo” que serve a sociedade e ao ser humano individual com aquilo que lhe é próprio: a proclamação do evangelho e a conversão para o futuro.

Para Moltmann (2012, p. 11), “a esperança da transformação escatológica do mundo efetuada por Deus conduz a uma ética transformadora que, com os recursos insuficientes e com as frágeis forças do presente, busca fazer jus a esse futuro e o

antecipa”. Esperar, não indica um aguardar passivo, mas sim ativo. Saber esperar não é se adequar as condições deste mundo de violência e injustiça, mas saber que as “mudanças do presente são necessárias”. “Apressar significa superar os limites da realidade nas esferas do possível pelo vindouro” (MOLTMANN, 2012, pp. 18-21).

5 “Sinais dos Tempos” e o Cristo como “Sinal da Esperança”

Uma igreja que se conduz na história, legitima a volta de Cristo pelas promessas e pelos “sinais dos tempos”. Tradicionalmente a interpretação deste termo anuncia um período de caos que prenuncia a vinda de Cristo. a orientação eclesial dá-se sempre de novo segundo os “sinais dos tempos” Atualmente a pergunta por estes sinais não funciona simplesmente para ordenar, periodizar e acompanhar o processo da história para descobrir o que existe do kairós presente. os sinais dos tempos servem para interpretar a história em vista do fim vindouro (MOLTMANN, 2013, pp. 65-66). Para Moltmann (2013, p. 66), somente a profecia “apocalíptica referiu-se posteriormente aos pré-sinais do fim do mundo iminente e interpretou eventos da história universal e mudanças cósmicas correspondentes”. Sendo “familiar a ideia de um início do fim que seria precedido por terríveis mudanças cósmicas que não podem ser ignoradas e que prenunciam á pessoa informada o que estar por vir”.

Segundo Moltmann (2013, p. 68), “a teologia dos sinais dos tempos” moderna deixa aberto se esta se referindo aos sinais e milagres do futuro êxodo para a liberdade ou aos sinais e milagres do futuro êxodo para a liberdade ou sinais negativos da catástrofe que ameaça a irromper. Este é também o motivo de sua inflação e fraqueza”. Pois a orientação da igreja na sociedade tem sido suas interpretações apocalípticas dos sinais dos tempos. Moltman (2007, p.77) afirma que: “É certo que há sinais dos tempos , mas certamente não aqueles espreitados pela fantasia apocalíptica. Pois ‘não vem o Reino de Deus de tal modo que possa ser calculado; e também não se pode dizer: Ei-lo aqui! Pois, eis, o Reino de Deus está [de uma só vez] no meio de vós’ (Lc 17.21)”. Os sinal do Tempo a ser observado é Cristo, “sua vinda e atuação e seu anúncio”. Segundo Moltmann (2013, p. 77),

O anúncio cristão não pode ser substituído por uma sabedoria teológico-histórica supostamente mais elevada. O anúncio da salvação – oportuno e inoportuno, como é dito – não pode ser substituído por especulações sobre o plano divino secreto de Deus a ser detectado dentro do curso da história. Se fosse assim. O jornal diário seria a bíblia. Contudo, a própria redução cristã dos “ sinais dos tempos” e a concentração da escatologia histórico-universal no anúncio escatológico levam a perguntas acerca da história. Pois uma coisa é a causa que anunciamos e defendemos – e outra é a consciência acerca do tempo no qual anunciamos e defendemos.

Moltmann (2013, p. 79), afirma que: “não é a crise do mundo que leva a parusia de Cristo, mas a parusia de Cristo que põe um fim a este mundo de crises. Crises históricas e pessoais não são sinais do Juízo Final, pois são sempre simultaneamente chances históricas. Por isto, os sinais aqui mencionados não devem ser compreendidos como sinais do fim, mas como aquilo que são – sinais da história”.

6 A Vinda de Deus como uma “Esperança Utópica”

Partindo da indagação kantiana “o que posso esperar?”, Moltmann desenvolve em termos teológicos a vinda de Deus, e como ela se dará como processo escatológico na história humana. Este esperar se completa com outra indagação: “O que devo fazer?”. Com a junção das questões Moltmann (2012, p. 20), fundamenta seu discurso na Segunda Epístola de Pedro (3:12) “esperar e apressar a vinda do dia do Senhor”. “A expectativa da *parusia* não - é fuga do mundo”, também não significa qualquer ódio ao corpo. Por sua vez, ela possibilita fidelidade á terra e a reabilitação da vida. “Vida na expectativa da parusia transcende em muito o simples aguardar [...] é uma vida de antecipação do vindouro, em expectativa criadora” (MOLTMANN, 2009, p. 499). E este esperar em ação é a base da esperança utópica moltmanniana.

Segundo Mannheim (1968, p. 216), “utopia” não se limita ao que transcende a realidade, mas esta além de transcender, “ao mesmo tempo, rompe as amarras da ordem existente”. Ideologia seria os juízos determinados como ideias que deixam não provocam mudança na realidade. “A visão utópica, que transcende o presente e se orienta para o futuro, não constitui um mero caso negativo da perspectiva ideológica, que oculta o presente procurando compreendê-lo em termos de passado” (MANNHEIM, 1968, p. 123). Enquanto as utopias orientam as ações de transformações, as ideologias as inibem, preservando dessa forma as coisas como elas se encontram (MENDONÇA, 2008, p. 49).

No pentecostalismo, tanto inicial quanto no atual, não se abriu espaços para uma mentalidade utópica. “O milenarismo dos pentecostais não se constituiu como uma forma de utopia, pois não era realizável na história. Suas esperanças se voltavam para a Nova Jerusalém celestial”. Nutriu-se um “comportamento sectário” que os mantinham fora das discussões sobre possíveis transformações políticas e sociais” (ROCHA, 2012, p. 147). Horton (1996, p. 627), afirma que nenhuma utopia política é possível, por qualquer que seja o meio. Pois o Reino milenar não virá através de esforços humanos, e sim por intervenção divina. “A esperança do cristianismo não está voltada para um “outro mundo”,

mas sim para o mundo transformado dentro do Reino de Deus (MOLTMANN, 2013, p. 219).). Segundo Tonet (2007, p. 133), “a esperança só é verdadeira quando parte do presente para levar a pessoa humana á utopia do Reino, transformando-se em coragem que atrai pelo amor e impulsiona o ser humano aos mais inusitados atos de Justiça”.

O pentecostalismo por se afirmar como movimento do Espírito, deve atentar para a nova criação possibilitada pela Sua ação no homem. Segundo Moltmann (2013, p. 103), “falta a igreja a “vocação para o serviço ao mundo, e finalmente falta visão da esperança pelo novo céu e a nova terra”. “Na confiança no poder renovador de Deus vos conclamamos: participai da antecipação do reino de Deus e fazei com que hoje se torne possível algo da nova criação que Cristo consumará em seu dia” (MOLTMANN, 2009, p. 500). Moltmann aborda a vinda de Deus em temas como O Deus vindouro; A vida eterna; o reino de Deus; Novo céu- Nova terra e A glória. Correspondendo simultaneamente a escatologia nas definições de hoje, pessoal, histórica, cósmica e divina (MOLTMANN, 2003, pp. 9-10). Com a junção de tais denomina-se a “escatologia integradora”, não reduzindo a vinda de Deus como salvação da alma num céu além da morte, mas afirmada pela força renovadora da vida e transformadora do mundo (MOLTMANN, 2003, p. 15).

Considerações Finais

O texto fora construído encima da compreensão escatológica pentecostal de esperança e como esta evidenciaria as repercussões em “ações na história da sociedade”. Devida análise histórica da escatologia pentecostal clássica, percebeu-se que sua concepções escatológicas legitimam uma falta de engajamento com a transformação da sociedade; como premilenarismo-dispensacionalista, pré-tribulacionismo e apocalipcismo. Ocasionado pela crença iminente dos finais dos tempos, onde Cristo mudaria a ordem vigente. Embora Daniel Rocha afirma que “o pentecostalismo não é mais sinônimo de um comportamento contracultural ou ascético, “pode-se perceber a presença de elementos da herança ascética e pré-milenarista, do protestantismo de missão”. Não procurou-se enquadrar conceitos teológicos com experiências históricas do pentecostalismo, mas sim como estas crenças influenciaram o viver diário e a prática social. Em Moltmann os dons do carisma, devem ser usados para transformar a sociedade existente. Escatologia deve estar aliada a ética, que valoriza o mundo e preserva a criação divina, esperando e apressando a vinda de Deus. Para que tal engajamento aconteça é necessário uma concepção de vida eterna, não como um estado no além, mas sim ao presente, onde o ser humano já esta inserido na eternidade. Crenças

escatológicas devem promover a humanização do ser humano, fazendo deste, um “humano”, não divino.

No pentecostalismo atual a resposta a qual seria a crença escatológica dos pentecostais, não se restringiria ao pré-milenarismo pré-tribulacionista. No 1º Simpósio sudeste/Internacional da ABHR, realizado na Universidade de São Paulo, como tema: Diversidades e (In)Tolerâncias Religiosas, Rocha (2013), afirma que a crença escatológica dos pentecostais se divide em quatro percepções. Ao optarmos pela declaração dos fiéis e das lideranças eclesiais, o premilenarismo dispensacionista permaneceria como a crença defendida. Se analisarmos o discurso político dos evangélicos aliado a uma liderança engajada na política, perceberemos um discurso pós-milenarista. Se dedicarmos a análise nas práticas devocionais, encontraremos um apocalipcismo evidenciado pela batalha entre anjos e demônios. Ao observarmos as experiências pentecostais, nota-se uma escatologia pragmática, relegada ao periférico de simplesmente querer “sentir Deus”. Pergunta-se atualmente se o pré-milenarismo seria ainda um sinônimo de apatia, e o pós, como um sinônimo de engajamento, devido as concepções teológicas sobre escatologia nem sempre refletir no viver diário pentecostal. Como afirmara Rocha, a “ideia das crenças escatológicas continuam sendo um rico e ainda pouco explorado objeto de pesquisa para os cientistas da religião”. Podendo ainda ser realizados diversas pesquisas com abordagens diferentes conforme esta temática.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. *Protestantismo Tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica á cultura brasileira*. 3. Ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

BASTOS, Levy da Costa. “O futuro na Promessa”: *Perspectivas da escatologia de Jürgen Moltmann*. In: Estudos de Religião, v. 23, n. 36, 249-257, jan./jun. 2009.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Vol. I (Tradução de Nélio Schneider), Vol II (Tradução e notas de Werner Fuschs) e Vol. III (Tradução e notas de Nélio Schneider). Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. UERJ, 2005 – 2006.

BURGESS, Stanley M; MCGEE, Gary B. *Dictionary of Pentecostal and Charismatic movements*. Tradução nossa. Michigam EUA: Regency Zondervan, 1988.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. In: REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, Set/Nov 2005.

CHIQUETE, Daniel; ORELLANA, Luis. *Voces Del Pentecostalismo Latinoamericano III: identidad, teologia, historia*. Tradução nossa. Concepción-Chile: RELEP, 2009.

CLOUSE, Robert G. *Milênio: significado e interpretações*. Campinas: Luz para o caminho, 1985.

CUNHA, Euclides. *Os sertões. Clássicos Rideel*. Texto condensado por Celso Leopoldo. 2.ed. São Paulo: Rideel, 2009.

DARBY, J. N O mundo e como o cristão deve agir nele. O que é uma seita?. 2.ed. Lisboa/Portugal: Minerva, 1976.

DAYTON, Donald W. *Raíces Teológicas del Pentecostalismo*. Buenos Aires: Nueva Creación/W.M. B. Eerdmans Publishing Co. 1991.

ERICKSON, Millard. *Opções contemporâneas em escatologia*, trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: vozes, 1994.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LEPARGNEUR, Huber. *Esperança e Escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2.ed. CAMPOS, Leonildo Silveira (org). São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002

_____. *A Igreja no Poder do Espírito: uma contribuição a eclesiologia messiânica*. Santo André-SP: Academia Cristã, 2013.

_____. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. *Ética da Esperança*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

- _____. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- _____. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: teológica/Loyola, 2005.
- _____. *Vida, Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. [tradução José Fernandes: revisão de Luiz Antonio Miranda]. São Paulo: Teológica, 2003.
- MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch – filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: UNESP, 1993.
- OLIVEIRA, Raimundo de. *Lição 13: A Segunda Vinda de Cristo*. In: *Lições Bíblicas: Maturidade Cristã*. 3º Trimestre. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- OLSON, Lawrence N. *O plano divino através dos séculos: Estudo das dispensações*. 3. Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1974.
- PENTECOST, J.Dwight. *Manual de Escatologia: uma análise detalhada dos eventos futuros*. São Paulo: vida, 1998.
- ROCHA, Daniel. *Venha a nós o vosso reino: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: fonte editorial, 2012.
- _____. *Entre o paraíso perdido e o milênio aguardado: escatologia, política e identidade nacional no fundamentalismo norte-americano*. 1º SIMPÓSIO SUDESTE/INTERNACIONAL DA ABHR. DIVERSIDADES E (IN) TOLERANCIAS RELIGIOSAS. São Paulo: USP/CAPES/ABHR/ Fonte Editorial, 2013.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SILVA, Ézio Pereira da. *A segunda Vinda: uma análise do pós-tribulacionismo*. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- STEPHEN, Daniel Neves. *A recepção e a relevância da teologia de Jürgen Moltmann no Brasil*. In: UMESP, Revista Caminhando v. 13, n. 22, jul-dez 2008.
- TONET, Edson Donizete. *Fé, esperança e caridade na América Latina*. In: SOUZA, Ney de. (Org). *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VIEIRA, Antonio Rufino. *Princípio esperança e a “herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch*. In: *Anais do 5º Colóquio Internacional Marx-Engels*. Campinas: CERMARX/ Unicamp. 2000. Disponível em: < WWW.unicamp.br/cemarx

_v_coloquio_arquivos_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf. >.Acesso em: 06 Jun 2013.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.